



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS –
PPGAV UFPB/UFPE
MESTRADO EM ARTES VISUAIS

VALDEMI TAVARES DE PONTES NETO

Além do Tempo: Entre a Fotografia e a Especulação de Futuros Possíveis

VALDEMI TAVARES DE PONTES NETO

Além do Tempo: Entre a Fotografia e a Especulação de Futuros Possíveis

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais, Mestrado em Artes Visuais, da Universidade Federal de Pernambuco e da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção de grau de Mestre em Artes Visuais.

Área de concentração: Artes Visuais e seus Processos Educacionais, Culturais e Criativos.

Linha de pesquisa: Processos criativos em artes visuais

Orientador: Prof. Dr. André Antônio Babosa

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

P814a Pontes Neto, Valdeci Tavares de.

Além do tempo : entre a fotografia e a especulação
de futuros possíveis / Valdeci Tavares de Pontes Neto.

- João Pessoa, 2025.

80 f. : il.

Orientação: André Antônio Barbosa.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCTA.

1. Fotografia. 2. Afrofuturismo. 3. Fotolivro. I.
Barbosa, André Antônio. II. Título.

UFPB/BC

CDU 77(043)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO



PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS

VALDEMI TAVARES DE PONTES NETO

Além do Tempo: Entre a Fotografia e a Especulação de Futuros Possíveis

Aprovado em: 28/02/2025

Comissão Examinadora:



Documento assinado digitalmente
ANDRÉ ANTONIO BARBOSA
Data: 28/02/2025 15:06:12-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professor Dr. André Antônio Barbosa – PPGAV/UFPE
Orientador/Presidente



Documento assinado digitalmente
EDUARDO ROMERO LOPES BARBOSA
Data: 03/03/2025 19:30:32-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professor Dr. Eduardo Romero Lopes Barbosa – PPGAV/UFPE
Membro Titular Interno



Documento assinado digitalmente
JULIANA ANDRADE LEITÃO
Data: 11/03/2025 14:16:06-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professora Dra. Juliana Andrade Leitão – UFPE
Membro Titular Externo ao Programa

“Existe poder em olhar”

(bell hooks)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a minha mãe Gilva que foi fundamental para eu estar aqui hoje desenvolvendo este trabalho, que apesar de todas as dificuldades sempre me apoiou e encorajou a seguir meus sonhos e principalmente sempre me incentivou e incentiva a minha vida acadêmica.

Ao meu noivo Eggleston que esteve comigo nos melhores e piores momentos sempre me encorajando a nunca desistir.

A minha avó Regina que não está mais entre nós, mas a carrego no meu coração, o ser humano incrível que ela foi e a educação que me deu.

Um agradecimento especial ao professor André Antônio, meu orientador, pela amizade, toda ajuda, todas as conversas, compreensão e conhecimento que me passou durante esse período.

RESUMO

Este trabalho propõe a criação de um fotolivro como suporte narrativo para uma investigação visual que utiliza o afrofuturismo como base estética e conceitual. A pesquisa explora elementos marcantes desse conceito, como a predominância do azul, associado à temporalidade, transcendência e futuridade, e a atmosfera de ficção científica, que possibilita especulações e reimaginações de futuros possíveis. O fotolivro, enquanto suporte, permite a construção de uma narrativa sequencial onde as imagens assumem protagonismo, criando um fluxo visual que conduz o espectador por camadas de significado. As fotografias do fotolivro, intitulado “Além do Tempo”, foram feitas nos prédios de uma universidade, um ambiente historicamente marcado, no Brasil, pela exclusão de corpos e narrativas negras. Através da organização e edição das imagens, o fotolivro buscou ressignificar esse espaço, utilizando a estética ligada ao conceito afrofuturista para questionar a permanência negra na academia e propor novas formas de existência, ocupação e transformação.

Palavras-chave: Afrofuturismo; Fotografia; Fotolivro

ABSTRACT

This work proposes the creation of a photobook as a narrative medium for a visual investigation that uses Afrofuturism as its aesthetic and conceptual foundation. The research explores striking elements of this concept, such as the predominance of the color blue, associated with temporality, transcendence, and futurity, and the science fiction atmosphere, which enables speculations and reimaginings of possible futures. The photobook, as a medium, allows for the construction of a sequential narrative where images take center stage, creating a visual flow that guides the viewer through layers of meaning. The photographic production is set within the university space, an environment historically marked by the exclusion of Black bodies and narratives. Through the organization and editing of images, the project seeks to reinterpret this space, using aesthetics linked to the Afrofuturist concept to question the presence of Black individuals in academia and propose new forms of existence, occupation, and transformation.

Key words: Afrofuturism; Photography; Photobook

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. AFROFUTURISMO	13
1.1 O AZUL QUE NOS CONECTA.....	19
1.2 QUESTÕES TEMPORAIS	21
2. CORPO, LUZ E FUTUROS.....	26
2.1 O Dia de Fotografia – Experiência e Reflexões	33
2.2 Impressões das Fotografias e Agrupamento das Imagens	36
2.3 Tratamento das Imagens e Construção da Estética	39
2.4 Diagramação do Fotolivro – Construção da Narrativa Visual	42
3. FOTOLIVRO ALÉM DO TEMPO	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	74
LISTA DE FIGURAS.....	76
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	77

INTRODUÇÃO

Quando iniciei esta pesquisa no mestrado, minha intenção era trabalhar com fotografia e fotolivros, mas a forma como eu imaginava esse projeto era bastante diferente do que ele se tornou. Minha ideia inicial envolvia interferências com ilustração digital sobre as imagens, e em nenhum momento havia considerado me colocar à frente das câmeras. O afrofuturismo sempre foi um conceito que me instigou, desde a graduação, por tocar em um ponto muito pessoal enquanto pessoa negra dentro do ambiente acadêmico, cresci sem referências visuais que me representassem.

Esse interesse pelo afrofuturismo foi impulsionado pelo seu potencial de especular o futuro a partir de um ponto de vista afrocentrado. Ele não apenas provoca discussões sobre imaginários futuristas negros, mas também nos obriga a olhar para nossa ancestralidade. Acredito que essa é a sua essência: compreender o passado para tomar as rédeas da construção de futuros possíveis.

A trajetória desta pesquisa foi marcada por transformações significativas, especialmente após a qualificação do mestrado. A presença da Professora Dra. Kênia Freitas, especialista no tema, trouxe um novo entendimento sobre o afrofuturismo, que antes eu não tinha que ele não se trata de um movimento, mas de um conceito interpretativo pelo qual posso analisar estas produções visuais e teóricas. Além disso, o Professor Dr. Robson Xavier, membro interno da banca, sugeriu um redirecionamento fundamental para o trabalho. Até aquele momento, minha abordagem era focada na análise de obras de artistas que considerei dentro da ótica afrofuturista. Com a qualificação, a pesquisa passou a se concentrar na minha própria produção artística, consolidando o fotolivro como um espaço de experimentação visual e narrativa.

No entanto, antes dessa reorientação, eu enfrentava dificuldades em definir uma abordagem visual satisfatória para as fotografias, como o afrofuturismo carrega em si uma forte conexão com a ancestralidade, tentei explorar essa relação por meio de testes fotográficos que traçaram uma trajetória da minha vida, buscando construir uma narrativa visual que dialogasse com minha experiência pessoal, no entanto, os resultados não atingiram a potência que eu desejava. Esse impasse mudou as rotas do trabalho para um estudo teórico sobre o afrofuturismo em produções de artistas brasileiros. Esse aprofundamento não apenas ampliou minha compreensão do conceito, como também abriu novas possibilidades de abordagem para o projeto, permitindo que a construção do

fotolivro se desenvolvesse a partir de um diálogo mais consistente entre estética, narrativa e identidade.

A proposta deste trabalho é criar um fotolivro ou uma narrativa visual que utiliza referências afrofuturistas como base estética e conceitual. A partir de elementos marcantes, como o azul, cor que marca presença em várias obras que me fascinam e que eu tentei enxergar através da ótica do afrofuturismo, e do ar de ficção científica, que remete à especulação e à reimaginação de futuros possíveis, a narrativa segue um personagem que caminha em meio às ruínas pós-apocalípticas de um espaço universitário. Fotografadas de fato no campus da UFPE, na Cidade Universitária, Recife/PE, as imagens tentam borrar as fronteiras entre fotografia documental e ficcional. O ambiente universitário, historicamente marcado pela exclusão de corpos e narrativas negras, serve como palco para uma narrativa que tensiona essa ausência e propõe um novo olhar sobre pertencimento e resistência. Não encontrei textos ou referências que determinassem um significado unívoco para o uso do azul nesses artistas que podem ser sentidos através do afrofuturismo. Na minha leitura pessoal e subjetiva dessas obras - sobre as quais eu me debruço brevemente no Capítulo 1 - o azul carrega simbolismos de temporalidade, transcendência e futuridade.

O fotolivro, intitulado “Além do Tempo” e aqui apresentado integralmente no Capítulo 3, não busca apenas explorar as tensões históricas e simbólicas da universidade, mas também dialogar com minha experiência pessoal de confronto e desconforto dentro desse espaço. A falta de referências negras, tanto entre colegas quanto entre professores, e a ausência de pesquisas que abordam questões raciais com profundidade tornaram a minha vivência acadêmica um desafio constante. No meu caso, essas ausências se cruzaram com as temáticas do meu trabalho, intensificando uma jornada de autoconhecimento desconfortável, mas transformadora.

A universidade e, especificamente, seus prédios, são elementos centrais da narrativa visual. A construção de muitos edifícios que hoje compõem a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) começou em 1827, em um período no qual a escravidão ainda era uma prática legal no Brasil. A abolição da escravatura só ocorreu em 1888, e, durante esse intervalo, leis foram instituídas para impedir a escolarização de pessoas negras e escravizadas.

Portanto, a escolha desse espaço para a realização das fotografias não é aleatória, mas sim um gesto simbólico e crítico. Ao introduzir a estética afrofuturista nesse ambiente, proponho uma reflexão sobre pertencimento e sobre a necessidade de que pessoas negras

ocupem, de maneira plena, lugares que historicamente nos foram negados. Esse olhar, aliado à força imaginativa do afrofuturismo, reconfigura a universidade não apenas como um local de resistência, mas também como um espaço onde futuros possíveis são imaginados e construídos.

O poder de olhar para esses espaços sob a perspectiva de um aluno negro nos dias atuais, mesmo reconhecendo os avanços em termos de inserção, exige o desenvolvimento de uma nova maneira de ver esses ambientes. Como hooks (2019) sugere, para pessoas negras, o "olhar opositor" é uma forma de resistir às representações limitadoras e estereotipadas impostas pela mídia e pela cultura dominante. Esse olhar crítico permite que indivíduos negros rejeitem a passividade e a subordinação, assumindo uma postura ativa e crítica frente às narrativas que consomem. Por outro lado, o olhar opositor desafia os conteúdos e as formas e conhecimentos herdados da branquitude e que permanecem hegemônicos no ambiente universitário atual. O afrofuturismo, ao jogar com a ancestralidade, aponta para uma busca por saberes e sabedorias perdidas, que foram marginalizadas e esquecidas de forma violenta pelos processos colonizadores. Talvez o personagem do fotolivro, em suas andanças pelas ruínas de um saber decadente, esteja procurando outros modos de conhecimento...

Inserir o conceito do afrofuturismo neste contexto amplia esse olhar opositor, pois ele oferece uma via de imaginação onde corpos e mentes negras exploram futuros que ultrapassam as restrições impostas pelo presente. Ele combina elementos da cultura africana, tecnologia, ficção científica e resistência, permitindo vislumbrar cenários onde a experiência negra é central. Através da narrativa fotográfica, busco capturar essa perspectiva única, onde o corpo negro não é representado como marginal ou periférico, mas como protagonista e visionário.

O trabalho está estruturado em três capítulos principais:

- No primeiro capítulo, apresento o afrofuturismo e suas referências, explorando conceitos fundamentais, artistas e como esses elementos contribuem para a construção de uma linguagem visual dentro do meu trabalho.
- O segundo capítulo aborda o processo criativo envolvido na produção deste trabalho: a narrativa visual e o fotolivro, aprofundando as especificidades desse suporte, seu potencial como meio de construção de histórias.

- O terceiro capítulo é o próprio fotolivro na íntegra, composto pelas imagens que constroem a narrativa visual desenvolvida nesta pesquisa.

As fotografias que compõem o fotolivro foram realizadas dentro da própria universidade, explorando cenários que refletem a dualidade entre pertencimento e exclusão. O aspecto por vezes precário e malconservado que marca a experiência dos prédios das universidades públicas federais brasileiras, bem como seus estilos arquitetônicos utópico-modernistas que saíram de moda, são reaproveitados pela câmera fotográfica e ressignificados pela ficção especulativa. A narrativa construída busca dar forma a essa vivência, usando o afrofuturismo como uma ferramenta para imaginar futuros em que essas barreiras sejam superadas. O azul, presente em roupas, cenários e atmosferas, conecta passado, presente e futuro, enquanto a ficção científica ressignifica o espaço acadêmico, transformando-o em um lugar de resistência e possibilidade.

1. AFROFUTURISMO

O projeto "Eclosão de um Sonho, Uma Fantasia", de Igi Lola Ayedun, pode ser descrito como um complexo artístico multifacetado que combina diversas linguagens e suportes, como performance, fotografia, arte generativa e impressões em alumínio. A obra é marcada pela predominância da cor azul, que atua como um elemento simbólico, conectando a ancestralidade africana à imaginação futurista e criando uma ponte entre o passado e o futuro.

O projeto se destaca também pela inclusão de autorretratos da própria artista, o que traz um caráter profundamente pessoal às obras, essa escolha não apenas reitera o papel do corpo negro como protagonista das narrativas especulativas, mas também conecta o público às vivências e experiências individuais de Ayedun. Suas imagens mesclam o íntimo com o universal, ampliando o impacto emocional e político do trabalho.

As figuras negras retratadas, muitas vezes em tonalidades azuis, emergem como protagonistas de cenários fictícios e especulativos que reafirmam a presença negra no imaginário futurista. Em vez de negar ou alienar a existência negra, essas imagens celebram e ressignificam essa presença, questionando os estereótipos e propondo novos futuros possíveis.

Figura 1: Há muito venho sonhando com imagens que nunca vi, da série Eclosão de um sonho, uma fantasia.



Fonte: Igi Lola Ayedun, 2022. Disponível em: <https://mateus-nunes.com/Igi-Lola-Ayedun-Vitoria-Cribb-Sondra-Perry-seLecT>

A cena da figura chamada “Há muito venho sonhando com imagens que nunca vi” da série *Eclosão de um sonho, uma fantasia*, 2022 retrata uma figura negra central usando um vestido azul vibrante que parece fundir elementos tradicionais e futuristas. A personagem possui longos chifres dourados sobre a cabeça, remetendo a uma estética mitológica ou divina. Ao fundo, outras figuras em azul aparecem, contribuindo para a sensação de movimento e ação na cena. A expressão da personagem é de força e intensidade, destacando sua presença em um ambiente urbano, com pessoas ao redor em movimento, criando um contraste entre o foco no individual e o coletivo.

Figura 2: Há muito venho sonhando com imagens que nunca vi, da série *Eclosão de um sonho, uma fantasia*.



Fonte: Igi Lola Ayedun, 2022. Disponível em: <https://mateus-nunes.com/Igi-Lola-Ayedun-Vitoria-Cribb-Sondra-Perry-seLecT>

Esta composição da figura 2 apresenta um grupo de quatro figuras. Centralmente, duas figuras adultas são representadas com vestimentas futuristas. Uma delas possui um capacete azul com detalhes dourados, que parece remeter a formas antropomórficas, com "orelhas" que lembram alto-falantes. A outra, trajando azul e dourado, carrega um capuz que envolve seu rosto, deixando uma parte exposta. Duas crianças completam o grupo:

uma veste roupas douradas, enquanto a outra usa tons mais neutros. O fundo é uma porta azul-texturizada, evocando uma conexão com espaços urbanos, mas com um toque surreal.

Figura 3: Há muito venho sonhando com imagens que nunca vi, da série Eclosão de um sonho, uma fantasia.



Fonte: Igi Lola Ayedun, 2022. Disponível em: <https://mateus-nunes.com/Igi-Lola-Ayedun-Vitoria-Cribb-Sondra-Perry-seLecT>.

Aqui, uma figura negra feminina ocupa o centro da composição. Sua vestimenta é futurista e ajustada ao corpo, em tons metálicos de azul que refletem luz, evocando uma estética espacial ou cibernética. Seu cabelo, também azul, é composto por formas tubulares que se assemelham a tranças e ao mesmo tempo tentáculos, reforçando a conexão entre o orgânico e o tecnológico. O fundo parece urbano, mas a simplicidade da ambientação destaca ainda mais a figura central e seus traços intensamente futuristas.

Nesse instante em que há uma profusão de discussões e debates sobre a inteligência artificial aplicada nas artes, Igi se destaca utilizando um software inovador que possibilita a criação de imagens que evocam tanto o imaginário visual africano quanto

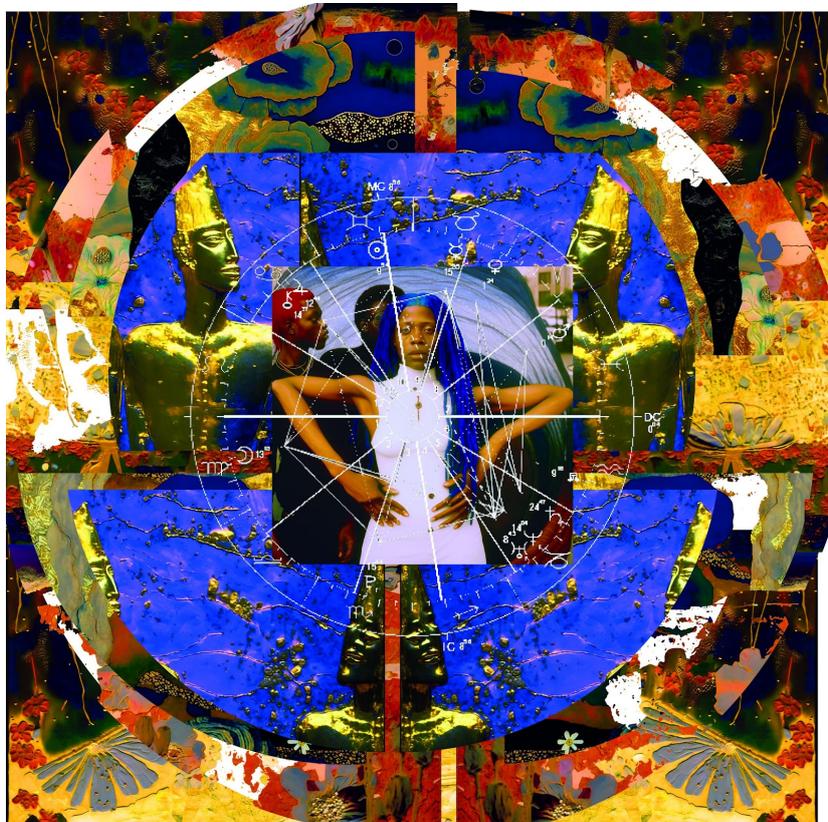
suas dimensões sagradas, ele realiza isso ao compartilhar uma perspectiva que é tanto fruto de suas vivências pessoais quanto de uma experiência coletiva, abordando, assim, as relações afrodiaspóricas que permeiam a contemporaneidade por meio de sua arte. Essa reflexão me leva a considerar que o afrofuturismo, que desde o início está intimamente associado ao universo da ficção científica, pode estar atualmente se posicionando como uma vanguarda entre os artistas que integram essas novas tecnologias em vez de se opor a elas.

Um aspecto fascinante é a presença do azul, uma cor que se destaca de maneira exuberante na estética afrofuturista.

a artista destaca na exposição a construção de rotas energéticas presentes no índigo, na seda e no lápis-lazúli y no cobalto associadas ao uso de papiros e metais que são entendidos para além de suportes, mas como caminhos de transmissão: insígnias de revelação de múltiplos tempos. Arte Que Acontece (2023)

O azul possui um significado especial que fortalece o vínculo entre os elementos e a noção de passagem de tempo e energia. O azul, que muitas vezes flerta com o sobrenatural, com o sem-fim e com o amanhã, estabelece um papo descontraído com a estética afrofuturista, trazendo à tona emoções de profundidade, amplitude e um certo ar de enigma. Além disso, a sua inclusão nos itens selecionados remete a uma passarela entre a antiguidade – com referências tradicionais como o índigo e o lápis-lazúli, que têm uma história rica – e um futuro vislumbrado, graças à sua conexão com o cobalto, que é o grande trunfo da tecnologia moderna. Portanto, neste contexto o azul transcende a simples definição de cor, ele se transforma em um símbolo visual que liga a textura dos materiais a uma história tecida por diversas épocas e lutas.

Figura 4: Igi Ayedun, “Amor prometido para uma vida curta em passagens de cura y fartura na materialização dos sonhos de muitos, beba desse cálice”, da série “faculdades do visível”, impressão sobre alumínio.



Fonte: Acervo Instituto Moreira Salles 2023

Ayedun é uma artista contemporânea que chama atenção pela relação com afrofuturismo, criando peças vibrantes que misturam beleza, teoria e conceito. Desde 2020, comanda a Hoa galeria de arte, localizada em São Paulo, um espaço que serve como um palco de criações com olhares decoloniais, latinos e que traz à tona as vozes da diáspora indígena, africana e asiática.

O termo Afrofuturismo surgiu em 1994, cunhado pelo crítico cultural estadunidense Mark Dery no artigo "Black to the Future", no qual ele entrevistou e contou com a participação de três escritores negros: Samuel R. Delany, Greg Tate e Tricia Rose. Nesse texto, Dery questiona os padrões de estereótipos sobre os negros, frequentemente perpetuados nas produções culturais de Hollywood, e propõe a ideia cultural que consolide uma "comunidade imaginária" e reforce a identidade negra através da especulação futurista e da reimaginação do passado (FRANK, 2016).

A partir disso, entende-se que o afrofuturismo é um conceito intelectual e artístico transdisciplinar que combina afrocentrismo, artes, fantasia, tecnologia, religião,

espiritualidade e misticismo não-ocidentais; numerologia, sátira, ficção científica e realidade virtual. Ele busca desafiar as representações estéticas sobre afrodescendentes, utilizando uma linguagem que reimagina e repropõe um passado, presente e futuro da experiência negra na diáspora transnacional, segundo Mark Dery (1994).

Desse modo, a abordagem afrofuturista chega ao Brasil através de produções acadêmicas e das próprias expressões artísticas trazidas principalmente dos Estados Unidos. Além de ser transdisciplinar, como foi visto acima, o conceito aborda a vivência alienante dos negros, com o duplo objetivo de entreter e elucidar, esforçando-se para destruir as limitações raciais, étnicas e sociais. O afrofuturismo busca preparar e inspirar os indivíduos para que sejam eles mesmos e manifestem suas subjetividades.

É crucial ressaltar que essa definição mais ampla e reconhecida dessa abordagem, assim como o próprio termo, atua como um guarda-chuva que abrange produções criativas realizadas por indivíduos negros, apresentando uma série de características visuais e ideológicas similares. Contudo, é importante notar que atualmente há questionamentos em relação a essa definição inicial. O escritor e romancista brasileiro Fábio Kabral, por exemplo, argumenta que:

Por um lado, é preciso dizer que é leviano encarar afrofuturismo como “exótico”, a novidade do momento, mais uma “atração” para compor a Grande Festa da Representatividade. Não há nenhuma festa aqui. O que há são pessoas pretas, mulheres e homens, pisando firme no mundo pelo simples direito de viver como bem entendem, e de se expressarem para o universo da forma que bem desejam. E isso nós sempre fizemos e para sempre faremos, não importa a época, não importa qual nome pomposo inventem para o simples movimento que realizamos (Kabral, 2016).

Assim, Kabral (2016) nos instiga a questionar as definições pré-estabelecidas a partir da perspectiva do outro, ampliando ainda mais o escopo das produções que podem ser consideradas afrofuturistas e principalmente, busca eliminar o olhar excêntrico que permeou o desde a origem do afrofuturismo.

É fundamental ressaltar que o afrofuturismo não deve ser percebido como um movimento no sentido convencional que se costuma entender a essa palavra, mas sim como um conceito que abarca diferentes áreas do conhecimento, participando como uma ideia intelectual e artística que atravessa diversas disciplinas, esse entendimento ampliado permite uma avaliação mais rica e complexa do afrofuturismo.

Ao contrário dos movimentos culturais que são organizados de maneira estruturada, seguindo cronologias e diretrizes bem definidas, o afrofuturismo se apresenta como uma abordagem que é ao mesmo tempo dinâmica e versátil, essa perspectiva inovadora transita por diversos domínios, incluindo, mas não se limitando, à arte, à literatura, à música, ao cinema e até mesmo ao universo da tecnologia, por essa razão, o afrofuturismo pode ser compreendido como uma manifestação criativa que se desdobra em múltiplas formas de expressão, permitindo uma ampla variedade de interpretações e experiências.

Ele atua como uma espécie de lente através da qual se analisa as representações estéticas, políticas e históricas que envolvem os corpos e as culturas negras, ao mesmo tempo, ele também sugere novas maneiras de conceber futuros que podem ser viáveis e possíveis. Essa abordagem não apenas desafia as perspectivas existentes, mas também incentiva uma reimaginação criativa do que pode ser o futuro das comunidades negras e suas expressões culturais.

1.1 O AZUL QUE NOS CONECTA

Tal como outros conceitos visuais, o afrofuturismo traz consigo um conjunto de características que se repetem em suas imagens. Uma curiosidade que salta aos olhos na obra de Igi Lola Ayedun é a presença incessante do azul, que se entrelaça de forma surpreendente com símbolos vindos do continente africano, formando um movimento provocante com toques "mecânicos e modernos".

O azul brilha como uma estrela no céu das minhas investigações, sempre se fazendo notar nas criações que vasculho. Um exemplo disso é a arte de Igi Lola Ayedun, onde essa cor, junto com o seu contexto, revela mensagens profundas e fascinantes.

Nas criações de outros artistas, a resposta sobre o uso constante da cor não aparece com tanta clareza, mas dá para pescar alguns sentidos a partir das lições da paleta. Por exemplo, o azul, essa cor fria que pode remeter ao mundo da tecnologia, pode evocar a ideia de um amanhã promissor, já que o propósito dessa ideia é botar em questão a própria noção de tempo. Uma outra ideia em relação a isso é que o azul se destaca como uma cor primária e sua utilização transporta à iluminação da imaginação, permitindo que a partir dessa sombra surjam infinitas possibilidades.

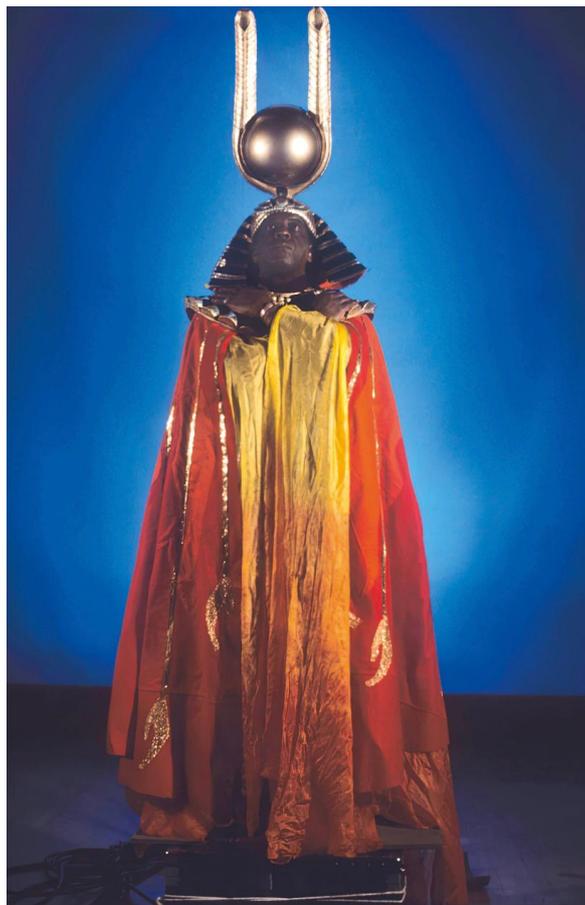
Os elementos africanos ajudam a tecer essa ideia de ancestralidade e cultura, ressaltando a importância de reatar os laços com nossas origens e o que já vivemos. Só assim conseguimos nos apropriar de nossa identidade e, quem sabe, sonhar com um amanhã mais promissor.

Acredito que para contrastar com os elementos de tradição e justamente fazer este jogo com o tempo são utilizados os elementos que nos levam para o lado da ficção científica, robótica e futuro. Já que a finalidade está a reescrever o futuro a partir de nossas próprias perspectivas

É interessante analisar esses elementos, pois eles podem aparecer juntos ou não em obras de artistas que se alinham a esse conceito. No entanto, acredito que o principal objetivo ao utilizar esses contrastes como, por exemplo, a dualidade entre sagrado e ciência ou o uso de cores primárias e contrastantes é justamente promover um questionamento sobre a temporalidade. Essa abordagem demonstra que, para imaginar o futuro, é necessário ter consciência do passado e cultivar a liberdade de criar e imaginar, reafirmando que o futuro é possível e, acima de tudo, que sua construção pode estar em nossas mãos.

Nesse sentido, surge como um exemplo ao explorar a música e o cinema como meios de imaginar um universo alternativo, a obra *Space Is the Place*, de Sun Ra, nascido nos Estados Unidos que foi artista, filósofo, mágico, alquimista, dramaturgo e entre muitas outras denominações foi um dos nomes que encabeçou o afrofuturismo. Com visuais irreverentes que como na imagem de sua obra *Space Is The Place* (1973) transitava entre a imagem de um faraó do Egito Antigo e viagens ao espaço, repleto de elementos ligados a psicodelia, futurismo e herança ancestral do povo africano.

Figura 5: Space is the place, 1973



Fonte: Sun Ra, 1973

Sun Ra e sua Arkestra exploraram temas cósmicos, espirituais e futuristas em sua música, misturando jazz, música experimental e elementos de ficção científica. Sua visão do afrofuturismo envolvia a libertação da opressão e a ascensão espiritual e cultural dos povos africanos e afrodescendentes.

A música de Sun Ra não apenas desafiava as convenções estilísticas, mas também questionava as normas sociais e políticas de sua época, promovendo a ideia de que o futuro poderia ser moldado por meio da criatividade e da expressão artística. Sua influência no afrofuturismo é amplamente reconhecida, e sua obra continua a inspirar artistas e pensadores até os dias de hoje.

1.2 QUESTÕES TEMPORAIS

As questões do tempo são protagonistas em meu trabalho, principalmente quando olho para elas através da lente do afrofuturismo, que coloca em xeque a ideia ocidental

de um tempo linear, revelando, em vez disso, uma experiência temporal que flui como um rio sinuoso e se entrelaçam de maneiras surpreendentes. Aqui, passado, presente e futuro coexistem e se entrelaçam, onde narrativas ancestrais ganham nova vida, reimaginadas e projetadas em novos futuros possíveis.

Assim, a cor, os materiais e as escolhas visuais tornam-se ferramentas para explorar a temporalidade como um espaço dinâmico de criação, resistência e imaginação.

Vestir azul vibrante e ocupar o espaço universitário que é um símbolo de progresso, mas também de exclusão histórica para pessoas negras dialoga com a ideia de movimentos de retroação e de avanços simultâneos descritos por Martins (p.42), pois embora a presença de pessoas negras na universidade seja uma conquista, a experiência diária de racismo estrutural, falta de representatividade, e o sentimento de não pertencimento evidenciam que esse espaço, mesmo compartilhado, não é igualmente habitado, mostrando então que a vivência das temporalidades e a experiência do tempo como algo que não é linear nem uniforme.

O tempo não é absorvido da mesma maneira por todas as pessoas, pois está intrinsecamente ligado às condições históricas, sociais e culturais que moldam a vivência de cada sujeito. Para populações negras, marcadas por séculos de exclusão e opressão, o tempo muitas vezes não é percebido como progresso contínuo. Em vez disso, ele pode ser experienciado como um ciclo de repetições de exclusões, lutas e conquistas inacabadas, como um presente constantemente assombrado pelo passado.

A universidade, especificamente seus prédios, serve como um exemplo claro disso. A construção de muitos edifícios que hoje compõem a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) começou em 1827, em um período no qual a escravidão ainda era uma prática legal no Brasil. A abolição da escravidão só ocorreu em 1888 e, durante esse intervalo, leis foram instituídas para impedir a escolarização de pessoas negras e escravizadas. Essa história de exclusão ressoa nas paredes e na arquitetura do espaço, transformando-o em um lugar onde o passado ainda reverbera, impondo barreiras simbólicas e materiais.

Nesse cenário, o ambiente parece acabado, quase apocalíptico, reforçado pela presença solitária do personagem. Sua jornada ocorre em um espaço onde o tempo parece suspenso, como se o presente estivesse aprisionado pelos ecos de um passado ainda não resolvido. Essa visão ressoa com a ideia de que a população negra contemporânea carrega as marcas de um "apocalipse" histórico, conectando-se ao que Freitas e Messias (2018) descrevem.

para o entendimento que a população negra contemporânea é sobrevivente de um apocalipse, do nosso próprio processo de abdução. Nesse sentido, podemos dizer que as populações negras em diáspora pós-escravidão são as descendentes diretas de alienígenas sequestrados, levados de uma cultura para outra (da África para a Europa e sobretudo para a América pelas rotas do Atlântico Negro) (Freitas e Messias, 2018).

Essa perspectiva ressignifica a experiência histórica da diáspora africana como um apocalipse contínuo, onde a violência do sequestro e da desumanização reverbera ainda hoje. Em meu trabalho, ao explorar o sentimento de deslocamento e não pertencimento do personagem em um ambiente universitário, essa ideia se manifesta na jornada visual do personagem, que busca conexão em um espaço que reflete as cicatrizes de um sistema que apagou culturas, histórias e pertencimentos, assim, o personagem encarna a figura do sobrevivente que persiste, mesmo carregando as marcas dessa abdução histórica.

A ausência de outras figuras humanas intensifica essa sensação de solidão, mesmo nos ambientes onde o personagem está em contato direto com elementos físicos como armários ou corrimãos, há uma sensação de que ele está separado do mundo ao seu redor, como se uma barreira invisível impedisse uma conexão genuína, apesar de seu esforço contínuo para explorar esses espaços, ele nunca é realmente aceito ou acolhido por eles.

Este trabalho nasce de uma vontade profundamente pessoal de reivindicar um espaço dentro do ambiente acadêmico. Ao mergulhar nesse universo, minha intenção não era apenas fazer parte do cenário, mas também participar de um movimento de mudança, de reconstrução e ressignificação desse território. Entretanto, durante essa jornada, notei que essa tarefa não se restringia apenas à procura por mudanças na superfície. Ele se transformou em uma viagem de descobertas internas, na qual me deparei com minhas experiências, lembranças e sentidos de pertencimento.

NoirBLUE, de Ana Pi, é um curta-metragem que acompanha a jornada da artista por nove países do continente africano, como parte de um experimento profundo de pertencimento e conexão ancestral. Durante a viagem, Ana realiza performances de dança em diferentes cenários, vestida de azul e acompanhada por um pano azul que se move e "dança" junto com ela, simbolizando tanto a continuidade quanto a fluidez das suas experiências.

O azul, que atravessa toda a narrativa, é como um elo visual e emocional, conectando o corpo da artista aos espaços que ela ocupa e ressignifica. Ao longo do caminho, ela interage com pessoas locais, que contribuem com informações e histórias

que enriquecem sua pesquisa sobre a dança negra e suas manifestações, esses encontros revelam a dança como um meio poderoso de diálogo intercultural, enquanto Pi utiliza o movimento para explorar as possibilidades do corpo como um arquivo vivo de memórias, resistências e pertencimentos. NoirBLUE se torna, assim, uma obra que transcende o documental, criando uma poética visual que celebra a relação entre corpo, espaço e ancestralidade.

Figura 6: Print do curta NoirBLUE, Ana Pi



Fonte: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VaoGxLM0F4E>

De acordo com Mombaça (2021), NoirBLUE é pintado como uma "viagem no espaço" e uma "aventura cósmica". Da mesma forma, minha obra se desdobra como um deslocamento que desafia a realidade convencional dos espaços acadêmicos. minha pesquisa e produção visual trazem uma espécie de coreografia fugitiva, onde o ato de ocupar esse espaço deixa de ser apenas físico e se transforma em uma evocação de forças disruptivas. Essas potências não se contentam em apenas desafiar a história que me antecedeu, mas também busca criar brechas para imaginar outras formas de existência dentro deste lugar.

Estou assistindo uma viagem no espaço, uma aventura cósmica, uma evocação de forças disruptivas sobre os mundos de dor que compõem aquilo que convencionou-se chamar realidade. Estou falando sobre mágica; estou falando

sobre coreografias fugitivas; estou falando sobre futuridade negra; estou, enfim, falando sobre o solo de Ana Pi, *NoirBLUE*. (Mombaça,2021)

Como em *NoirBLUE*, há um diálogo constante entre o passado e o futuro, onde o personagem do meu trabalho encarna tanto a dor quanto a potência de reimaginar e ressignificar esse espaço. Assim, meu estudo não se limita a gritar que estou aqui, mas uma tentativa de ampliar o horizonte do possível, instigando novos futuros a partir da resistência e da criação.

No curta de Ana Pi, o corpo em movimento se torna um meio de dialogar com múltiplos tempos e geografias, ressignificando espaços e narrativas ancestrais. Essa abordagem ressoa com as ideias de *Kindred*, de Octavia Butler, uma das maiores romancistas e escritoras de ficção especulativa que já existiu, é uma escritora muito importante para o movimento. Ao longo de sua carreira, ela ganhou inúmeros prêmios por sua escrita e é dona de obras que exemplificam bem a temática afrofuturista em sua ficção científica, também se destacou por criar protagonistas complexos e multifacetados, que desafiavam estereótipos e assumiram papéis de liderança em suas histórias.

Sua escrita era visceral e provocativa em *Kindred* (1979), foi adaptada em 2022 para formato de série pela empresa de televisão dos Estados Unidos FX abordando temas difíceis com sensibilidade e nuance. Mesclando a vivência de Dana James personagem principal que enfrenta problemas em sua vida pessoal e familiar por ter perdido muito cedo seus pais em um acidente sem muitas explicações e de repente se percebe viajando involuntariamente através do tempo para o período de escravidão na região sul dos Estados Unidos que é conhecida até hoje por ser majoritariamente dominada por pessoas brancas e conservadoras, deste modo ela experimenta os conflitos vividos pela população preta daquele tempo e entra em contato diretamente com alguns de seus antepassados obtendo respostas que nunca havia tido sobre sua própria ancestralidade.

Em vez de um artefato tecnológico, é o próprio corpo de Dana que detém o poder de atravessar o tempo, carregando consigo tanto as cicatrizes físicas da opressão quanto a força simbólica da resistência. Ao fazer isso, Butler reposiciona o corpo negro como um arquivo vivo de memórias e possibilidades, um espaço onde passado, presente e futuro se encontram. Essa abordagem não apenas redefine o conceito de tecnologia na ficção científica, mas também reafirma a centralidade da experiência negra em narrativas especulativas, colocando o corpo como agente ativo de transformação e sobrevivência.

Assim mostrando a relevância e impacto da crítica social feita por Butler através de sua obra de ficção especulativa em 1979 que foi descrita pelo LA Times como "uma das obras mais originais e provocativas que analisam raça e identidade" (data). Se mostra importante mesmo com o passar do tempo.

Figura 7: Cena da série Kindred



Fonte: FX Networks. Disponível em: <https://www.metacritic.com/news/kindred-adaptation-changes-ending-explained/>

2. CORPO, LUZ E FUTUROS

O fotolivro, embora ainda não amplamente difundido no Brasil, se destaca como um suporte potente para a construção de narrativas visuais autorais. Ele oferece uma forma íntima de contato entre obra e público, diferente da experiência tradicional das exposições. Sua natureza portátil e acessível permite que as ideias expressas por meio das imagens circulem com mais fluidez e autonomia, como destaca Gerry Badger (2015), ao afirmar que essa forma de publicação amplia a relação entre o autor e os leitores ao permitir que a obra esteja presente em seu cotidiano.

Embora existam poucos registros detalhados sobre os primórdios do fotolivro, sabe-se que seu surgimento antecede a década de 1920. Durante as décadas de 1960 e 1970, houve uma expressiva produção na América Latina, onde o formato foi

intensamente utilizado para refletir temas relacionados ao cotidiano urbano, à transformação das cidades e às posições políticas do momento, como observa Horacio Fernández (2011). Esse histórico reforça o caráter do fotolivro como uma ferramenta de discurso crítico e engajado.

No contexto brasileiro atual, Pernambuco se destaca como o quinto estado com maior volume de publicações em fotolivro, representando 3,9% do total nacional. Apesar disso, apenas cerca de 5% dessas publicações são realizadas por pessoas negras (GRIGOLIN; AYERBE; DAVIÑA, 2016), revelando uma desigualdade significativa na autoria dessas produções. Inserido nesse cenário, este trabalho busca contribuir para o fortalecimento de narrativas negras, dialogando com o afrofuturismo como proposta estética e política. Ao ocupar esse espaço, a pesquisa também se inscreve na construção de um repertório visual que amplia o debate sobre identidade, pertencimento e futuros possíveis para a arte negra contemporânea.

Considero que o processo fotográfico deste trabalho realmente começou após definir que as imagens seriam feitas no campus da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em Recife, esse ambiente, sem dúvidas, carrega tensões entre passado, presente e futuro no que diz respeito à comunidade negra.

Outro motivo para a escolha da UFPE foi a arquitetura modernista presente em muitos de seus prédios, como o Centro de Artes e Comunicação (CAC). Essas construções possuem uma estética que remete à ficção científica (sci-fi), carregando em seus projetos uma visão futurista e uma expectativa de progresso, além desse aspecto, a escolha do campus também tem um fator pessoal: foi onde fiz minha graduação. Durante essa etapa acadêmica, minha experiência na universidade foi relativamente mais tranquila do que na pós-graduação, no mestrado, senti de forma mais intensa o desconforto de estar em um ambiente com ainda menos pessoas negras, o que gerou uma sensação de isolamento e retrocesso, contrastando com minhas expectativas de encontrar um avanço nessas questões no espaço acadêmico.

Com o ambiente escolhido por todas essas razões, marquei uma visita técnica com meu orientador, professor André Antônio, para percorrermos o campus e pensarmos nos elementos visuais, nos lugares e nas questões que poderiam ser abordadas no ensaio. Esse dia foi fundamental para transformar a pesquisa teórica em prática, pois nos permitiu visualizar como os conceitos do afrofuturismo e da ficção científica poderiam ser incorporados às imagens, durante essa visita, discutimos a importância de explorar corredores vazios, prédios abandonados e os formatos das construções da UFPE, que, em

muitos casos, evocam uma estética acinzentada e geométrica que se alinha com o imaginário *sci-fi*.

Figura 8: Foto tirada do professor André Antônio durante a visita técnica.



Fonte: O autor

Nesse processo, comecei a me concentrar em reimaginar a universidade e suas possibilidades narrativas, buscando ângulos e enquadramentos que transformassem visualmente a arquitetura. Em algumas imagens, por exemplo, experimentei alterar a percepção da forma dos prédios, como na foto a seguir, em que tentei representar um edifício do campus como uma pirâmide, essa inspiração veio das obras de Sun Ra, que frequentemente referênciam elementos do Egito para conectar ancestralidade e futurismo dentro da sua estética afrofuturista

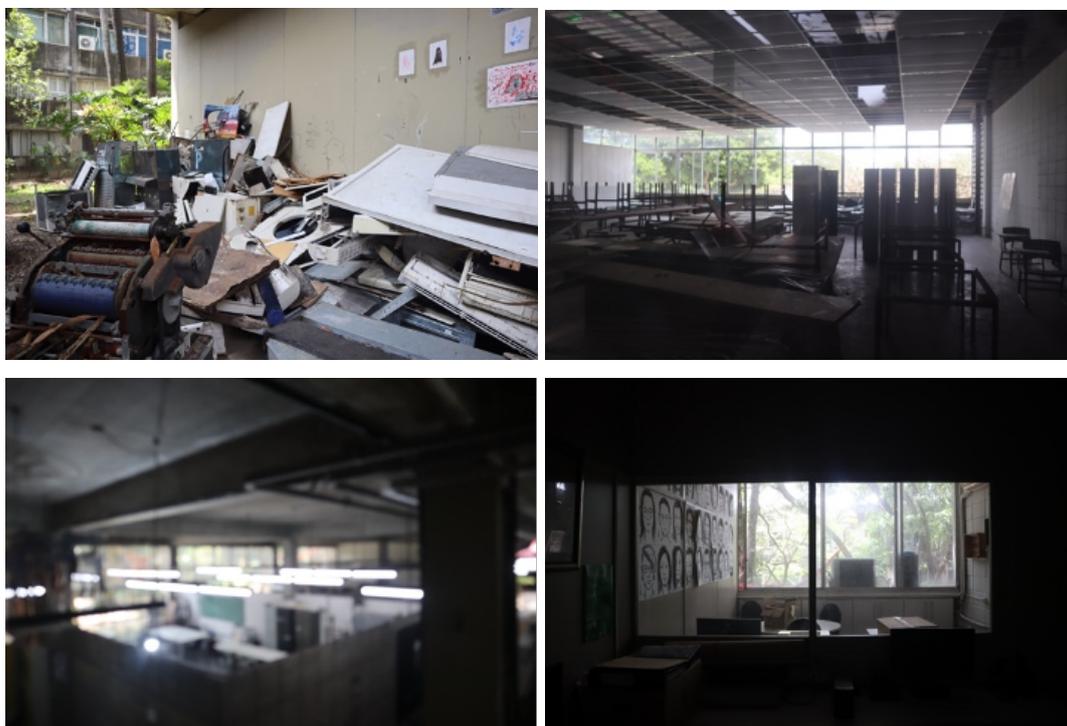
Figura 9: Foto do prédio pirâmide durante a visita técnica



Fonte: O autor

Outro ponto importante foi a construção da atmosfera das imagens. A ideia era provocar um certo estranhamento, levando o observador a questionar se aquele espaço universitário ainda está em funcionamento ou se já foi abandonado. Esse aspecto foi explorado não apenas como um elemento narrativo, mas também para dialogar com a discussão afrodiaspórica e o rompimento das sociedades negras que foram forçadas a migrar para o continente americano. Por isso, foi essencial capturar locais que transmitissem uma sensação de frieza, ausência de vida e até mesmo de destruição, reforçando essa ambiguidade entre o real e o especulativo dentro do ensaio.

Figura 10: Fotos de salas vazias e coisas quebradas, tiradas na visita técnica



Fonte: O autor

Essas imagens têm o intuito de reimaginar os espaços cotidianos da universidade, criando uma atmosfera única para a narrativa, através delas, é possível transportar o observador para uma nova perspectiva, onde o campus não é apenas um local de estudo e convivência, mas um cenário de ficção especulativa, carregado de novas possibilidades e histórias. Fotografamos lugares que transmitiam a sensação de um espaço abandonado, em ruínas, como se a universidade estivesse situada em um futuro remoto, pós-apocalíptico, essa abordagem permite explorar dimensões visuais e emocionais que

ressignificam as construções e os ambientes conhecidos, ampliando a percepção sobre o tempo e o pertencimento dentro desse espaço.

Depois dessa visita técnica, onde mapeamos os espaços e desenvolvemos esse olhar sobre essa maneira de ver esse espaço fiz um painel de referências de imagens que tinham desde ideias para a construção do personagem até ideia de fotos que utilizassem o espaço universitário, tudo isso para que no dia real de fazer as imagens fosse um trabalho mais direcionado.

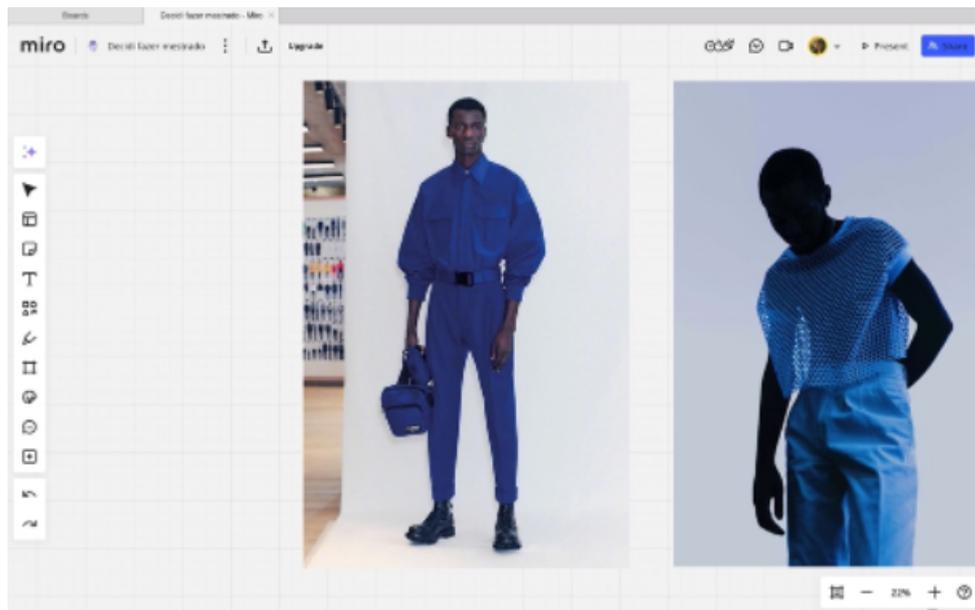
Para desenvolver a identidade visual do ensaio fotográfico, montei um quadro de referências reunindo imagens que dialogam com os conceitos da pesquisa e com a atmosfera que queria construir na narrativa visual, esse quadro funcionou como um guia visual, ajudando a definir a estética, a composição das cenas e a sensação que gostaria de transmitir em cada fotografia.

A seleção de imagens foi pensada a partir de diferentes eixos de referência primeiramente, incluí fotografias de ambientes que evocam o ambiente da universidade, como bibliotecas, corredores, salas de aula e elementos acadêmicos, como livros e projetores. Esses elementos foram escolhidos para reforçar o espaço universitário dentro da narrativa visual, garantindo que as imagens carregarem um sentido de pertencimento e deslocamento dentro desse ambiente.

Além disso, trouxe referências de artistas negros, como Jean-Michel Basquiat, cujas obras trazem uma estética crua, carregada de energia e subjetividade, algo que influenciou minha forma de pensar a presença do corpo negro na imagem e sua relação com o espaço ao redor. Outro elemento importante no quadro de referências foram cenas do filme *Moonlight* (2016), que me chamaram atenção principalmente pelo uso expressivo das cores e da luz, as tonalidades exploradas no filme ajudaram a construir a ambientação e a atmosfera das minhas fotos, inspirando-me na maneira como a cor pode ser utilizada para criar contrastes e sensações dentro da narrativa visual.

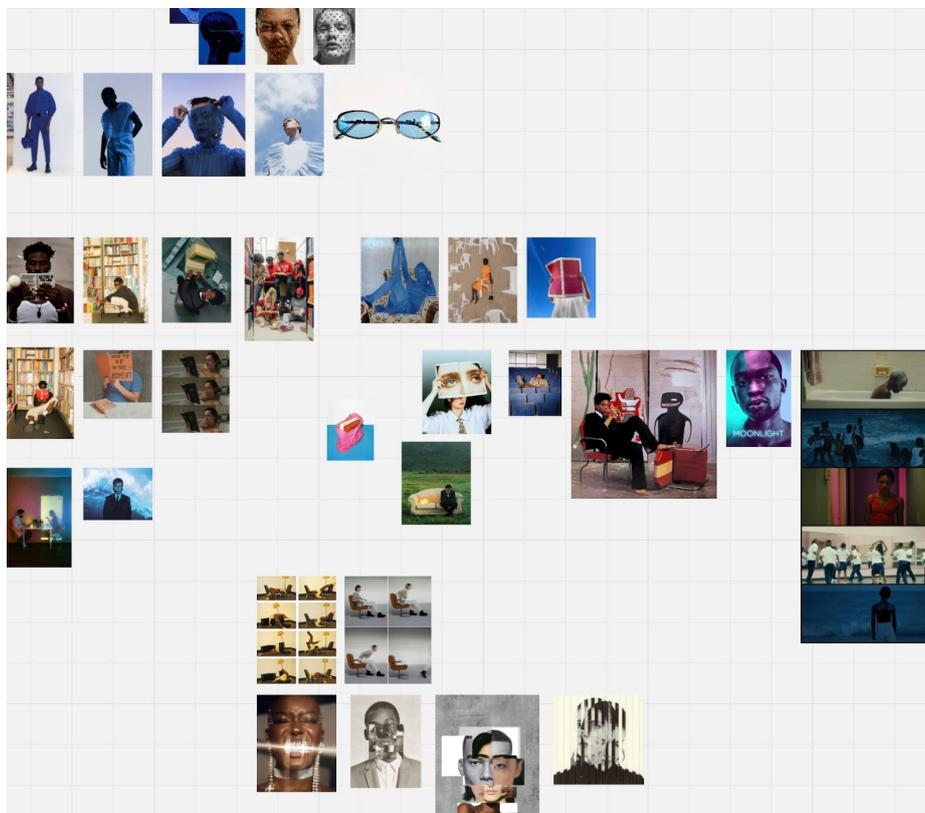
Um dos principais focos na construção do ensaio foi a escolha do azul como cor predominante no figurino do personagem, para isso, busquei referências que exploram essa tonalidade em diferentes contextos, especialmente imagens de roupas azuis. As fotografias que mais destacaram essa cor eram justamente de vestimentas, o que se alinhava perfeitamente com o que eu procurava para compor o figurino do ensaio, o azul foi definido não apenas como um elemento estético, mas também como um símbolo narrativo, reforçando a conexão com a ficção especulativa e o afrofuturismo.

Figura 11: Print do painel de referências de roupas do aplicativo MIRO



Fonte: O autor

Figura 12: Print do painel de referências para as fotografias do aplicativo MIRO



Fonte: O autor

A partir disso fui desenvolver a imagem que esse personagem terá nas fotos, acredito que ele tem de se destacar no cenário, queria mostrar uma figura que destoa do ambiente e que parecesse um viajante, queria muito carregar essa identidade que a cor azul que eu associo fortemente ao afrofuturismo, conecta o personagem a conceitos de temporalidade não linear, transcendência e especulação desse tempo.

Então senti a necessidade de produzir uma roupa contendo elementos que já fazem parte do meu estilo, como a bermuda que frequentemente mistura o clássico com o especulativo para criar algo. A bermuda torna o traje mais contemporâneo e versátil, conectando a uma visão de futuro onde a moda é fluida e menos restritiva junto a roupas de alfaiataria alinhadas e ao mesmo tempo com cortes modernos nesse azul, então fui pesquisar tecidos e construí esse visual junto com uma costureira para criar essas peças que fossem únicas e representativas para o projeto

Figura 13: Foto da prova da roupa pronta do personagem



Fonte: O autor

Em outros momentos na narrativa eu queria dar a ideia de que o personagem não estava fixo naquele lugar/tempo, a ideia é que ele está de passagem como um viajante e para dar essa sensação adicionei uma bolsa grande para dar essa ideia.

Figura 14: Foto do personagem com a bolsa no dia das fotos



Fonte: O autor

Assim foi construída a imagem desse personagem, que é um reflexo meu e das minhas experiências, mas também por todos esses elementos visuais, sua presença questiona as estruturas de pertencimento e exclusão históricas. Esta estética combina elegância, atemporalidade e ruptura, criando uma narrativa onde esse corpo negro se torna central na reimaginação do espaço e do futuro.

2.1 O Dia de Fotografia – Experiência e Reflexões

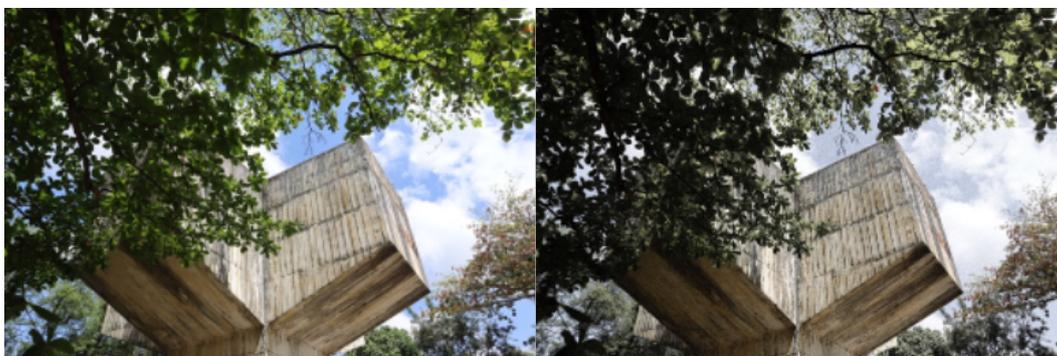
Ao retornar à universidade para a captura das imagens, percebi que minha relação com o espaço havia mudado desde a visita técnica com meu orientador. Durante aquela visita inicial, a universidade estava mais vazia, o que me permitiu explorar os espaços com mais liberdade e conforto. No entanto, no dia oficial da sessão de fotos, o ambiente estava movimentado, e logo me deparei com o impacto visual que o personagem exercia no espaço: vestido inteiramente de azul, destoava completamente das pessoas ao redor. No início, senti certa timidez ao perceber os olhares e contrastes, mas, conforme o ensaio avançava, essa sensação foi substituída por um foco total na construção da narrativa visual.

As fotografias que compõem este trabalho foram realizadas com uma câmera Canon EOS M200, equipada com uma lente 15–45mm, tanto no dia do ensaio quanto durante a visita técnica ao campus da UFPE. A mesma lente foi utilizada em todo o processo, garantindo uma coerência visual entre as imagens dos dois momentos. Essa

constância técnica contribuiu para a construção da narrativa visual, reforçando a atmosfera de continuidade entre os registros de observação e a performance encenada.

Outro aspecto que influenciou o processo foi a diferença climática entre os dias de teste e o dia oficial das fotos. No primeiro dia, o tempo estava frio e nublado, o que trouxe uma atmosfera que gostei no resultado das imagens iniciais. No dia das fotografias finais, no entanto, o clima estava quente e ensolarado, alterando a luz e as sombras no ambiente. Essa mudança impactou algumas imagens, mas foi algo que pude corrigir no tratamento das fotos, ajustando os tons e reforçando a sensação de um ambiente mais desgastado, com uma atmosfera apocalíptica, um dos conceitos centrais do trabalho.

Figura 15: Foto antes e depois do tratamento da temperatura



Fonte: O autor

Um dos aspectos que mais me impactou nesse dia foi perceber como o trabalho ia além do campo visual e fotográfico: havia também uma dimensão performática muito presente. Ao ocupar os espaços, me movendo entre corredores, escadarias e estruturas institucionais, percebi que o personagem não estava apenas sendo fotografado, mas também sendo encenado. O corpo inserido nesses espaços carregava em si uma mensagem e um questionamento.

A performance sempre foi um ato de resistência para povos historicamente oprimidos, especialmente dentro de contextos onde o corpo negro foi silenciado, marginalizado ou apagado. Seja nas expressões culturais, nos rituais de sobrevivência ou nas manifestações artísticas, a performance se tornou uma ferramenta não apenas de contestação, mas também de afirmação e permanência, segundo Martins (2021).

“Apesar de toda a repressão, o que a história nos ostenta é que, por mais que as práticas performáticas dos povos indígenas e dos africanos fossem proibidas, demonizadas, coagidas e excluídas, essas mesmas práticas, por vários processos de restauração e resistência, garantiram a sobrevivência de uma corpora de conhecimento que resistiu às

tentativas de seu total apagamento, seja por sua camuflagem, por sua transformação, seja por inúmeros modos de recriação que matizaram todo o processo de formação das híbridas culturas americanas.” (MARTINS, 2021, p.35)

Portanto ocupar esses espaços carregados de uma arquitetura que simboliza exclusão e poder institucionalizado, fazendo do corpo um meio de narrativa e reivindicação, é parte desse processo histórico de resistência, onde o corpo do personagem não apenas se insere no ambiente universitário, mas o reconfigura. O ato de se mover por esses corredores e escadarias não é apenas um deslocamento físico, mas um gesto que reescreve a relação entre presença e pertencimento, aquele personagem falava muito sobre mim, mas, ao mesmo tempo, ele não era eu, ele era uma extensão do que eu queria expressar, uma representação do desconforto, da presença e da resistência dentro daquele ambiente acadêmico.

No fotolivro, essa performance visual e corporal se torna parte da narrativa, reforçando a ideia de que ocupar, deslocar-se e reimaginar são também formas de inscrever novos futuros e desafiar as estruturas que tentam cristalizar o passado. Essa experiência reforçou a potência da performance na narrativa fotográfica, tornando evidente que a relação entre corpo e espaço era um elemento central da pesquisa. As fotografias não apenas capturavam um personagem isolado, mas traziam consigo um deslocamento, uma presença que questionava a neutralidade do ambiente e ressignificava aquele espaço através da ficção e da especulação visual.

O dia das fotografias foi um momento essencial para a construção do ensaio visual e, para essa etapa, contou com a ajuda do meu namorado, Eggleston, que sempre me acompanha nos meus trabalhos, especialmente naqueles em que preciso estar à frente da câmera, desde o início, passamos muito tempo discutindo e planejando essas imagens, pois eu estaria tanto na direção quanto na performance, e ele assumiria a responsabilidade pela captura das fotos.

Figura 16: Foto de Eggleston no dia das fotos



Fonte: O autor

Para garantir que a estética e a narrativa fossem coerentes com o que eu imaginava, compartilhei com ele referências e inspirações do painel de pesquisa, detalhando os enquadramentos, a atmosfera e a composição que desejava alcançar, no dia da sessão, o processo foi colaborativo, a cada foto, ele me mostrava o resultado, e juntos avaliávamos enquadramento, luz e direção, ajustando cada detalhe antes de seguir para a próxima imagem.

As fotografias em que o personagem aparece foram feitas por ele, mas todas as imagens em que não estou presente foram capturadas por mim, ainda assim, a presença e o envolvimento de Eggleston foram cruciais para que essas imagens existissem, pois, seu olhar ajudou a dar forma às ideias que discutimos previamente. Ele não foi apenas o responsável pelo clique, mas um participante ativo na materialização dessa narrativa visual. Acredito que, além de estar tecnicamente envolvido no processo, ele também faz parte desse trabalho de uma maneira muito mais profunda, pois compartilhou comigo todas as reflexões, experimentações e desafios que levaram à construção dessas imagens.

2.2 Impressões das Fotografias e Agrupamento das Imagens

Assim que as imagens foram capturadas, senti a necessidade de me distanciar do momento da sessão fotográfica antes de analisá-las de forma mais crítica. Esse distanciamento sempre fez parte do meu processo criativo, pois permite que eu enxergue

as imagens sem a euforia do instante da captura, avaliando com mais objetividade quais funcionam melhor dentro da narrativa visual e quais podem ser descartadas.

Ao revisar as fotografias, algumas me surpreenderam de maneira inesperada. As imagens em que o personagem aparece de costas, por exemplo, me interessaram mais do que eu imaginava inicialmente, pois criam uma atmosfera de mistério que se conecta fortemente com a ficção especulativa presente no trabalho. Essa perspectiva reforça a ideia de deslocamento e de uma busca indefinida, permitindo que a ausência do olhar direto do personagem amplie as possibilidades interpretativas do espectador.

O processo de seleção e agrupamento das imagens foi guiado pela ideia de que o personagem está em busca de algo naquele espaço, para construir essa sensação de procura, organizei a sequência de forma que ele parecesse percorrer diferentes ambientes, quase como se estivesse em uma corrida pelos corredores, espaços abertos e salas abandonadas da universidade.

Inicialmente, agrupei as imagens por cenários semelhantes, incluindo algumas fotografias capturadas durante a visita técnica, como na **Figura 21**. Aqueles escombros já não estavam lá quando retornei, e lembro que fui com o objetivo de fotografar o personagem naquele local, mas, infelizmente, não consegui. Ainda assim, essas imagens ajudaram a criar um clima de incerteza e dúvida sobre o funcionamento do ambiente.

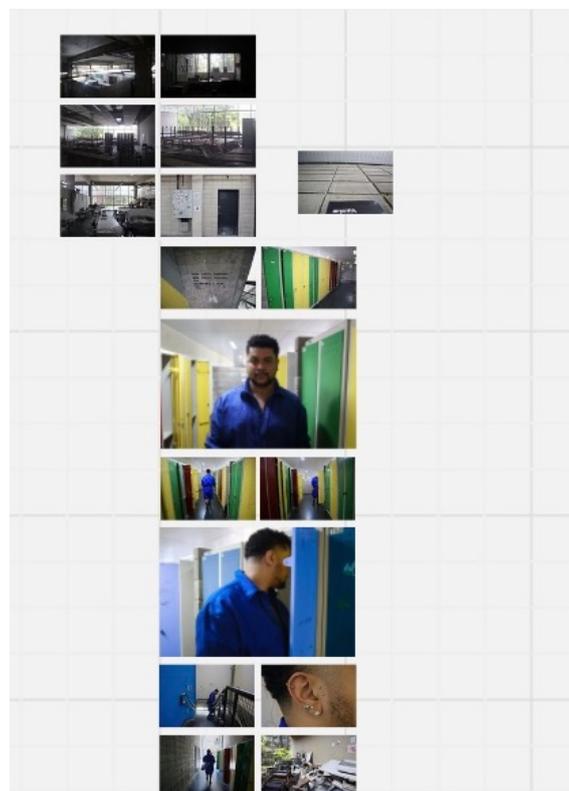
Para organizar a sequência das imagens no fotolivro, utilizo a plataforma Miro, que permite dispor as fotografias como em uma mesa de trabalho, possibilitando uma visualização ampla e flexível da narrativa visual. A ferramenta facilita a experimentação de diferentes sequências, permitindo que eu teste associações entre as imagens, explore possíveis agrupamentos narrativos e avalie como cada fotografia se relaciona com as demais. Esse processo é essencial para garantir que a construção da narrativa do fotolivro não seja rígida ou linear, mas sim fluida, permitindo conexões visuais e simbólicas que reforcem os conceitos da pesquisa.

Figura 17: Print do início da organização das fotos tiradas por ambiente do aplicativo MIRO



Fonte: O autor

Figura 18: Print do início do sequencia de fotos da narrativa



Fonte: O autor

O início da sequência foi pensado para introduzir um cenário ambíguo, onde o espectador se questiona se aquele espaço está em funcionamento ou abandonado. Para isso, utilizei imagens de lugares vazios, frios, salas desorganizadas e corredores silenciosos, criando um ambiente que sugere algo entre o real e o pós-apocalíptico. Após essa introdução do espaço, apresento o personagem de maneira impactante, com uma imagem em que seu olhar fixo e sua expressão neutra criam um ponto de atenção dentro da narrativa visual.

A partir dessa introdução, a sequência coloca o personagem em movimento, interagindo com os espaços e revelando seu ponto de vista. O percurso pelas imagens conduz o espectador pela trajetória desse corpo que se insere na universidade, observando, explorando e, ao mesmo tempo, sendo observado. Essa organização busca não apenas documentar a presença do personagem, mas também evocar a experiência subjetiva desse deslocamento, reforçando a sensação de busca e estranhamento.

2.3 Tratamento das Imagens e Construção da Estética

Após a seleção das imagens, o processo de edição foi essencial para consolidar a atmosfera desejada no fotolivro, desde o início, a ideia era que as imagens transmitissem uma sensação mais fria, alinhando-se à estética das fotos capturadas no dia da visita técnica, onde a temperatura visual e a iluminação contribuem para um clima mais enigmático e distante. Para alcançar esse efeito, utilizei o Adobe Lightroom como ferramenta principal no tratamento das imagens, ajustando tons, contrastes e temperatura de cor de maneira precisa, garantindo que a narrativa visual mantivesse a coerência estética desejada.

Figura 19: Print com painel de tratamento das imagens do programa Adobe Lightroom



Fonte: O autor

Um dos ajustes mais importantes no tratamento foi acentuar ao máximo a cor azul, garantindo que a roupa do personagem se destacasse como um elemento vivo e dissidente dentro do espaço. Para alcançar esse efeito, foi necessário alterar elementos que, originalmente, apresentavam vermelho, verde e amarelo, convertendo-os para tons de azul. Esse foi um dos processos mais trabalhosos na edição, mas também um dos mais essenciais, pois sem essa alteração, a coesão cromática da narrativa visual se perderia e o impacto da cor azul como signo central seria diluído.

Figura 20: Antes e depois de intensificar a cor azul no tratamento da imagem



Fonte: O autor

Além disso, uma mudança significativa e proposital foi transformar a cor dos olhos do personagem, substituindo o branco natural por um azul transparente. Esse

detalhe reforça ainda mais a conexão com o afrofuturismo e a ficção científica, criando uma ligação visual entre o personagem e o universo especulativo proposto pelo trabalho. O azul no olhar não apenas simboliza essa ligação com o futuro, mas também sugere um estado de transcendência, deslocamento e pertencimento a outra realidade.

Figura 21: Antes e depois da foto dos armários e olhos azuis



Fonte: O autor

A construção da atmosfera apocalíptica e artificial nas imagens também foi trabalhada por meio da manipulação de contrastes, sombras e iluminação. Esse aspecto do tratamento foi desenvolvido através de testes e experimentações sucessivas, ajustando cada imagem até que a ambientação transmitisse a sensação desejada. Por fim, para garantir a coesão da narrativa visual, foi necessário ajustar a temperatura das imagens de forma que conversassem entre si, especialmente aquelas inseridas do dia da visita técnica, criando um equilíbrio entre os tons e a textura das fotografias.

Figura 22: Antes e depois da imagem da alteração da temperatura e cor azul



Fonte: O autor

O tratamento das imagens, portanto, foi um processo que extrapolou a simples correção estética, tornando-se parte fundamental da narrativa construída no fotolivro. Cada ajuste contribuiu para reforçar os conceitos de deslocamento, ficção especulativa e reimaginação do tempo, consolidando visualmente a ideia de um personagem que existe simultaneamente entre o passado, o presente e um futuro imaginado.

2.4 Diagramação do Fotolivro – Construção da Narrativa Visual

A fotografia, enquanto linguagem visual, possui o poder de capturar não apenas imagens, mas também temporalidades, gestos e sentidos que transcendem o verbal e escrito, como as ideias descritas por Martins (p.22) a respeito dos conhecimentos que se constituem pelas performances do corpo. Agora relaciono isso principalmente a narrativa contida no fotolivro que é um suporte no qual os conhecimentos são grafados de forma visual.

No fotolivro, as imagens organizadas em sequência criam um fluxo narrativo que resiste à lógica tradicional do começo, meio e fim, evocando uma temporalidade relacional e espiralar. Essa estrutura permite que o leitor/espectador seja levado por associações visuais, saltos de significado e camadas de interpretação, sem depender de um texto que dite a narrativa.

A organização das imagens em sequência cria uma narrativa que não precisa ser explicitamente explicada, mas que se desenrola através das relações visuais e emocionais estabelecidas entre uma imagem e outra. Cada fotografia se torna parte de uma estrutura maior, na qual as transições, os contrastes e os ritmos visuais estabelecem o tom e o conteúdo da história, como afirma Oliveira 2019

Ao longo da história da humanidade, diversas formas de expressão foram usadas para gerar narrativas, contar histórias e passar informações. Acompanhando a tendência imagética a fotografia e o cinema se uniram às formas de expressão universais, o das narrativas visuais, que não necessitam do conhecimento prévio de uma determinada linguagem para serem lidos ou sentidos. (Oliveira, 2019)

O processo de diagramação do fotolivro começou a partir da organização do arquivo bruto, que continha uma grande quantidade de imagens. A primeira etapa consistiu em selecionar as fotografias que fariam sentido dentro da narrativa visual e descartar aquelas que não contribuíam para a construção do percurso do personagem. A lógica inicial foi baseada no trajeto que percorri dentro da universidade, organizando as imagens conforme a sequência dos espaços visitados. Essa estrutura ajudou a dar uma direção à montagem da narrativa, reforçando a ideia de que o personagem está em uma jornada de busca, explorando cada canto desse ambiente acadêmico.

Na montagem da sequência, busquei destacar essa sensação de deslocamento e procura, criando transições entre as imagens. Em muitos momentos, o ambiente se mantém visualmente semelhante de uma imagem para outra, mas com pequenas mudanças que sugerem movimento e passagem do tempo. Para reforçar essa fluidez narrativa e a ideia de múltiplas temporalidades, utilizei algumas imagens em que, no tratamento, o personagem foi duplicado ou até triplicado dentro da mesma cena. Esse efeito reforça o conceito de que ele está simultaneamente em diferentes tempos e lugares, rompendo a linearidade convencional da narrativa e aproximando a construção visual da ficção científica e do afrofuturismo.

Figura 23: Antes e depois de adicionar os olhos azuis



Fonte: O autor

O maior desafio na diagramação foi encontrar um ritmo adequado para a narrativa. Criar momentos de destaque dentro da sequência exigiu um equilíbrio entre imagens mais carregadas de informação e outras que funcionam como respiros visuais, permitindo que o espectador absorva melhor o percurso do personagem. Além disso, um aspecto que influenciou as decisões de composição foi o fato de que, pelo menos por enquanto, o fotolivro será apresentado digitalmente e não em formato físico. Isso muda a percepção da leitura das imagens, exigindo um pensamento diferente sobre fluxo, transições e como as páginas serão experienciadas em uma tela, sem a materialidade do papel.

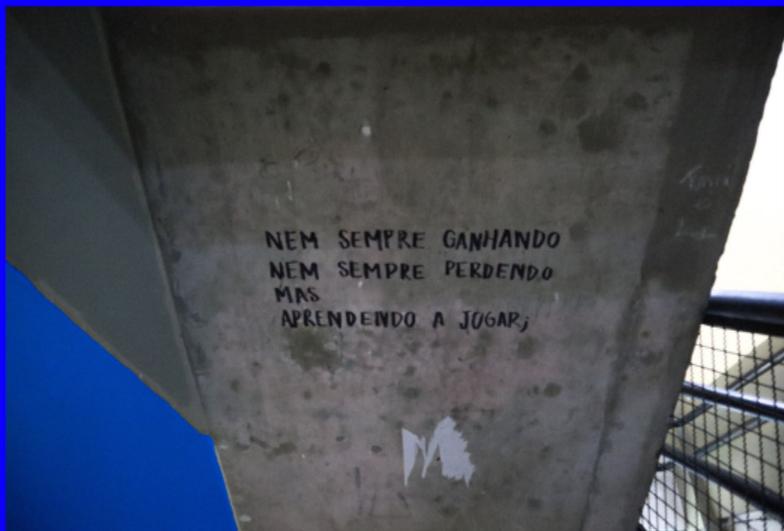
ALÉM DO TEMPO

NETO PONTES















150

166

52

AMOR JESUS
RAIS DALHO
ATOS 16

LA

166





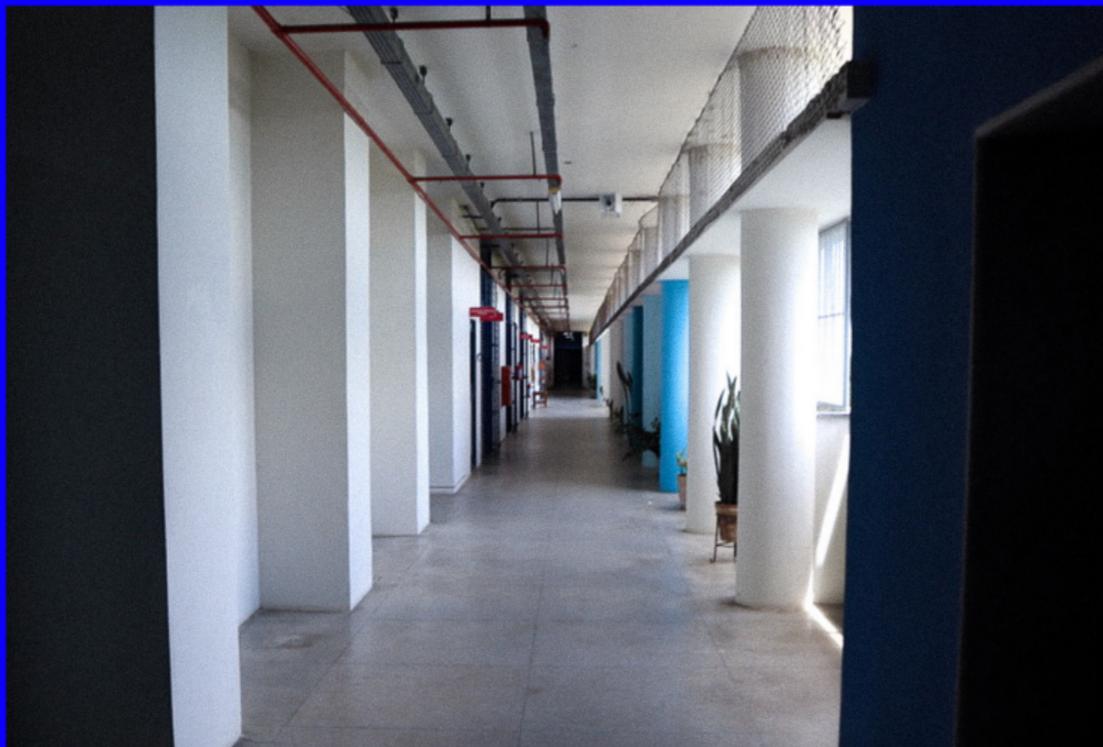
























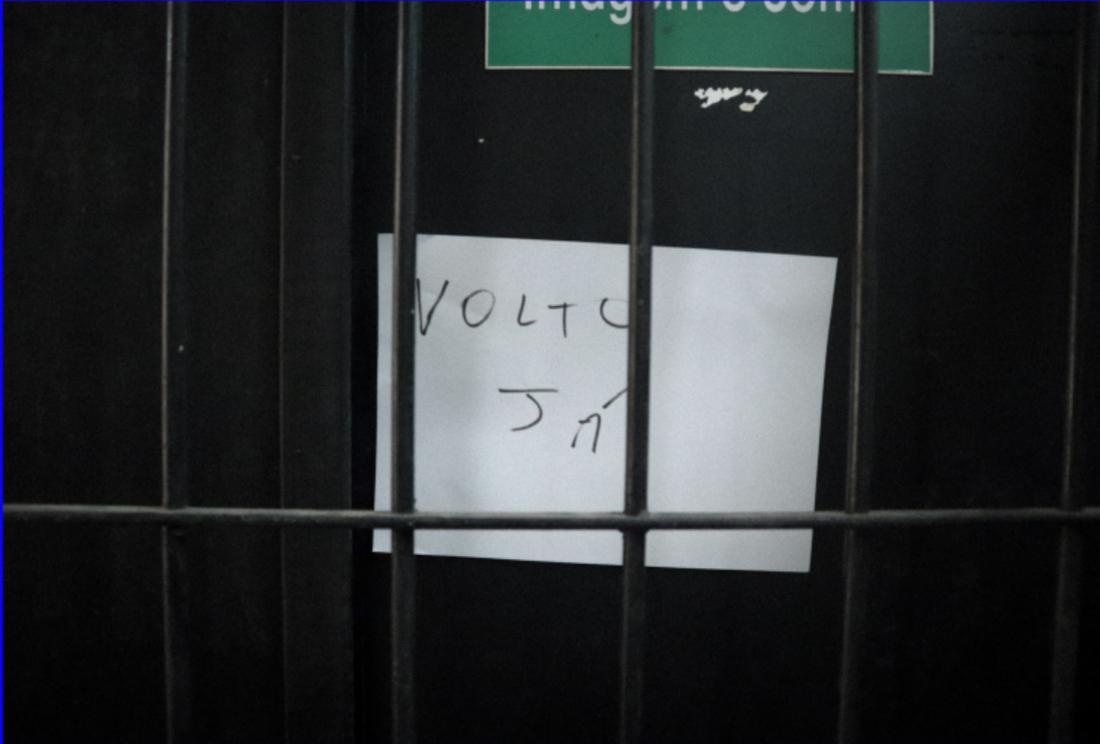












CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste mestrado, tive a oportunidade de expandir minha visão sobre a fotografia e o fotolivro, aprofundando não apenas as questões formais, mas também os conceitos e narrativas que sustentam minha prática artística. Vindo de uma formação em design, sempre tive um olhar atento à composição, ao equilíbrio visual e à materialidade das imagens. A pesquisa me permitiu explorar novas camadas de significado dentro do fotolivro, entendendo sua estrutura e organização como elementos essenciais para a construção da narrativa, mais do que um suporte, ele se tornou um território de experimentação, no qual a relação entre imagem e discurso se fortalece na criação de sentidos.

Por outro lado, o programa ainda apresenta desafios estruturais que precisam ser enfrentados, embora a política de cotas raciais tenha possibilitado o acesso de alunos negros, isso não garante que suas pesquisas sejam amplamente discutidas e valorizadas da mesma forma que as de outros estudantes. A ausência de um espaço acadêmico que contemple com profundidade os estudos sobre raça, arte e afrofuturismo impôs um desafio extra, tornando necessário um esforço maior para encontrar referências e debates dentro da universidade. Esse é um ponto que precisa ser aprimorado, para que a presença de pesquisadores negros não seja apenas numérica, mas também respaldada em suas produções e discussões.

O afrofuturismo, mais do que um conceito estético e teórico, tornou-se para mim uma ferramenta de resistência e afirmação dentro do espaço acadêmico. Em um ambiente onde a presença negra ainda é minoritária e as discussões sobre raça nas artes muitas vezes não recebem a devida atenção, encontrar no afrofuturismo um território de expressão foi essencial para minha trajetória. Ele me permitiu enxergar possibilidades onde antes havia apenas silenciamento, me fez compreender que minha presença e meu olhar podem e devem construir novas narrativas dentro da universidade, essa perspectiva não apenas influenciou o desenvolvimento da minha pesquisa, mas também me deu forças para seguir adiante, mesmo diante dos desafios.

A experiência de criar este fotolivro foi transformadora em vários aspectos, dessa vez, além de trabalhar com a edição e montagem das imagens, tive que estar na frente da câmera e dirigir a fotografia, o que trouxe um novo desafio para minha prática artística. Esse processo me permitiu experimentar o corpo dentro da imagem de forma ativa, refletindo sobre presença, deslocamento e futuridade de maneira mais intensa, além disso,

o tratamento das imagens foi um ponto de aprendizado significativo, pois essa era uma etapa na qual eu ainda me sentia inseguro, agora, ao final do projeto, percebo como desenvolvi mais controle sobre essa fase, conseguindo explorar nuances cromáticas, atmosferas visuais e a criação de uma unidade estética mais coesa para a narrativa. Esse amadurecimento técnico e conceitual me dá mais confiança para futuros projetos fotográficos.

Ao final deste percurso, percebo que as imagens produzidas operam em uma zona liminar entre o documental e a ficção, o espaço fotografado a universidade é real, concreto, carregado de camadas históricas e simbólicas. No entanto, a narrativa construída sobre ele ressignifica esse ambiente, criando leituras e possibilidades. Muitas vezes, a fotografia é automaticamente associada ao registro fiel da realidade, mas aqui, ela se torna um meio de especulação, transformando um local existente em um cenário ficcional.

O fotolivro, por sua vez, potencializa essa dualidade, pois é uma ferramenta que permite organizar imagens em sequências narrativas, criando conexões, silêncios e significados que extrapolam a documentação, nesse sentido, essa pesquisa não apenas explora a estética e os conceitos do afrofuturismo, mas também reforça a fotografia como um dispositivo de imaginação.

O próximo passo para esse trabalho já está em andamento: aprovamos um projeto para a exposição destas fotografias pela Lei Aldir Blanc de fomento à cultura, que será realizada na cidade de Caruaru (PE). Esse é um momento importante, pois permitirá que essa pesquisa ultrapasse os limites acadêmicos e alcance um público mais amplo. No futuro, pretendo continuar trabalhando com esse material em diferentes formatos, explorar formas de publicação física e buscar levar essa exposição para outros lugares, ampliando os diálogos sobre afrofuturismo e a presença do corpo negro nos espaços acadêmicos.

A cada página deste fotolivro, reafirmo que a ocupação desses espaços por corpos negros não é apenas uma conquista individual, mas um passo dentro de um movimento maior, onde imaginar futuros possíveis é também um ato de resistência. O afrofuturismo me fez acreditar que essa conclusão era possível não apenas como o fim de um ciclo acadêmico, mas como a continuidade de um caminho que sigo trilhando, agora com mais consciência da minha voz e do impacto do meu trabalho.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Há muito venho sonhando com imagens que nunca vi, da série Eclosão de um sonho, uma fantasia.....	13
Figura 2: Há muito venho sonhando com imagens que nunca vi, da série Eclosão de um sonho, uma fantasia.....	14
Figura 3: Há muito venho sonhando com imagens que nunca vi, da série Eclosão de um sonho, uma fantasia.....	15
Figura 4: Igi Ayedun, “Amor prometido para uma vida curta em passagens de cura y fartura na materialização dos sonhos de muitos, beba desse cálice”, da série “faculdades do visível”, impressão sobralumínio	17
Figura 5: Space is the place, 1973.....	21
Figura 6: Print do curta NoirBLUE, Ana Pi.....	24
Figura 7: Cena da série Kindred.....	26
Figura 8: Foto tirada do professor André Antônio durante a visita técnica.....	28
Figura 9: Foto do prédio pirâmide durante a visita técnica.....	28
Figura 10: Fotos de salas vazias e coisas quebradas, tiradas na visita técnica.....	29
Figura 11: Print do painel de referências de roupas do aplicativo MIRO	31
Figura 12: Print do painel d referências para as fotografias do aplicativo MIRO	31
Figura 13: Foto da prova da roupa pronta do personagem	32
Figura 14: Foto do personagem com a bolsa no dia das fotos	33
Figura 15: Foto antes e depois do tratamento da temperatura.....	34
Figura 16: Foto de Eggleston no dia das fotos.....	36
Figura 17: Print do início da organização das fotos tiradas por ambiente do aplicativo... MIRO.....	38
Figura 18: Print do início do sequência de fotos da narrativa.....	38
Figura 19: Print com painel de tratamento das imagens do programa Adobe..... Lightroom	40
Figura 20: Antes e depois de intensificar a cor azul no tratamento da imagem.....	40
Figura 21: Antes e depois da foto dos armários e olhos azuis.....	41
Figura 22: Antes e depois da imagem da alteração da temperatura e cor azul.....	42
Figura 23: Antes e depois de adicionar os olhos azuis.....	44
Figura 24: Capa do Fotolivro Além do Tempo.....	45
Figura 25: Janela.....	46

Figura 26: Acordar.....	47
Figura 27: Sala vazia.....	48
Figura 28: Cadeiras em cima das mesas.....	48
Figura 29: Embaixo da escada.....	49
Figura 30: Cadeira no canto.....	49
Figura 31: Olhos azuis.....	50
Figura 32: Corredor azul.....	51
Figura 33: Correndo.....	52
Figura 34: Procura.....	52
Figura 35: Descendo as escadas.....	53
Figura 36: Orelha.....	53
Figura 37: Corredor escuro.....	54
Figura 38: Escombros.....	54
Figura 39: Mão com anéis.....	55
Figura 40: Múltiplo.....	56
Figura 41: Pia de pintura.....	57
Figura 42: Engrenagens.....	58
Figura 43: Pirâmide.....	59
Figura 44: Corredor.....	61
Figura 45: Olhar azul.....	62
Figura 46: Tranca.....	63
Figura 47: Escadaria.....	64
Figura 48: Sala de arquivos.....	65
Figura 49: Cubos.....	67
Figura 50: A procura.....	67
Figura 51: Grades.....	68
Figura 52: Multiplicação.....	69
Figura 53: Prédio.....	70
Figura 54: Aponta.....	70
Figura 55: Parede pichada.....	71
Figura 56: Casa.....	72
Figura 57: Vota.....	73
Figura 58: Volto Já.....	74

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BADGER, Garry. **Por que fotolivros são importantes**. Revista Zum, 2015. Disponível em: <<https://revistazum.com.br/revista-zum/8/fotolivros/#:~:text=Organizador%20de%20uma%20cole%C3%A7%C3%A3o%20sobre,8%2C%20abril%20de%202015%5D.>>. Acesso em 21/07/2024.

“ECLOSÃO DE UM SONHO, UMA FANTASIA” de Igi Lola Ayedun na HOA Galeria. **Arte Que Acontece**, São Paulo-SP. Disponível em: <<https://www.artequacontece.com.br/evento/eclosao-de-um-sonho-uma-fantasia-de-igi-lola-ayedun-na-hoa-galeria/>> Acesso em: 27 Fevereiro. 2024.

FERNANDES, Horacio. **Fotolivros latino-americanos.**, São Paulo: Cosac Naify, 2011.

FRANK, Priscilla. Realismo mágico, **história da África e ficção científica: conheça o Afrofuturismo**. Geledés, 2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/realismo-magico-historia-da-africa-e-ficcao-cientifica-conheca-o-afrofuturismo/> Acesso em: 25 agosto. 2023.

FREITAS, Kênia; MESSIAS, José. O futuro será negro ou não será: Afrofuturismo versus Afropessimismo-as distopias do presente. **Das Questões**, v. 6, n. 1, 2018.

GRIGOLIN, F.; DAVINA, L.; AYERBE, J. **Entre, à maneira de, junto a publicadores**. São Paulo: Tenda de Livros; Zerocentos Publicações, 2016.

HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação**. 1. ed. São Paulo: Elefante, 2019.

KABRAL, Fábio. [Afrofuturismo] O futuro é negro — o passado e o presente também. **Medium**. 2026. Disponível em: https://medium.com/@ka_bral/afrofuturismo-o-futuro-%C3%A9-negro-o-passado-e-o-presente-tamb%C3%A9m-8f0594d325d8. Acesso em: 27 Fevereiro. 2024.

DERY, Mark (1994), “**Black to the future: interviews with Samuel R. Delany, Greg Tate, and Tricia Rose**” in Dery, Mark *Flame wars: The Discourse of Cyberculture*. Durham, NC: Duke University Press.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela**. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. 42 p. ISBN 978-65-5691-043-7.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela**. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. 35 p. ISBN 978-65-5691-043-7.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela**. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. 22 p. ISBN 978-65-5691-043-7.

MOMBAÇA, Jota - *Escuro e não-representação – Sobre NoirBLUE de Ana Pi*. (n.d.). Revista DR. <https://revistadr.com.br/posts/escuro-e-nao-representacao-sobre-noirblue-de-ana-pi/>

OLIVEIRA, Mayara Fior. Narrativa e discurso através da “Montagem”
fotográfica. **AVANCA| CINEMA**, p. 130-137, 2019.